

ENC(ON)TROS: UMA EXPERIÊNCIA DE ESCUTA EM RODAS DE CONVERSA ONLINE COM IDOSOS DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19

(MEET)INGS: AN EXPERIENCE OF LISTENING IN ONLINE CONVERSATION CIRCLES WITH THE ELDERLY DURING THE COVID-19 PANDEMIC

Caroline Martins Coura 

Universidade Federal Fluminense, UFF
Rio de Janeiro, RJ, Brasil
carolinecoura@id.uff.br

Nadja Valéria Vasconcellos de Avila 

Universidade Federal Fluminense, UFF
Rio de Janeiro, RJ, Brasil
nadjaavila@id.uff.br

Silvana Valitutto Ducan Rangel 

Universidade Federal Fluminense, UFF
Rio de Janeiro, RJ, Brasil
silvanarangel@id.uff.br

Ana Paula Martinazzo 

Universidade Federal Fluminense, UFF
Rio de Janeiro, RJ, Brasil
anapulamartinazzo@id.uff.br

Resumo. Este relato de experiência aborda o uso de rodas de conversa como metodologia de trabalho a luz das perspectivas do encontro dialógico, no projeto de extensão ‘Universidade da Melhor Idade’. Objetivou-se descrever os impactos das rodas para os alunos idosos em contexto de distanciamento social decorrente da pandemia pela Covid-19. Por fim, através dos relatos recolhidos sobre as vivências nas rodas, observou-se uma intervenção na medida em que a iniciativa possibilitava um espaço de encontros e ressignificação dos discursos.

Palavras-chave: Terceira Idade; Distanciamento Social; Diálogo.

Abstract. This experience report addresses the use of conversation circles as a work methodology in light of the perspectives of the dialogical meeting, in the extension project ‘University of the Best Age’. The objective was to describe the impacts of the conversation circles for elderly students in the context of social distance resulting from the pandemic by Covid-19. Finally, through the reports about their experiences on the circles, an intervention was observed as the initiative enabled a space for meetings and a new meaning for the speeches.

Keywords: Elderly; Social Distance; Dialogue.

INTRODUÇÃO

O século XX foi marcado por fortes transições demográficas. Tais mudanças ocorreram em decorrência do avanço da ciência, da inserção da mulher no mercado de trabalho e da conseqüente melhoria da qualidade de vida. Estes aspectos vêm influenciando o fenômeno chamado ‘envelhecimento populacional’ que, no Brasil, se manifesta na diminuição do índice de mortalidade e fertilidade, impactando na distribuição da pirâmide etária do país (Nasri, 2008). Sendo assim, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2008) espera-se que até 2050, os idosos representem 19% da população brasileira.

Com o avanço da nova configuração demográfica, torna-se evidente a necessidade da construção de políticas que atendam às necessidades desse grupo e garantam seus direitos. Embora o direito integral e universal à saúde já fosse garantido pela Constituição da República Federativa do Brasil (1988), apenas em 1994 foi promulgado o primeiro plano nacional voltado para a população idosa, a Política Nacional do Idoso (Lei nº 8.842, 1994). O desenvolvimento de políticas específicas para este grupo acompanhou o próprio aprimoramento do termo saúde e os estudos da diversidade de questões que permeiam o processo de envelhecer. Compreende-se, no entanto, que durante a mudança da pirâmide etária brasileira outras necessidades surgiram e surgirão, demandando um caráter de organismo vivo das políticas públicas, isto é, em constante atualização.

A pessoa idosa enquanto sujeito relacional, no encontro com o mundo, se depara com inúmeros enunciados sobre si e que compõem seu processo de subjetivação. O discurso por sua vez, se organiza a partir de uma função enunciativa que é referenciada, isto é, a definição da terceira idade e suas possibilidades de ser. A posição ‘idoso’ passa a ser ocupada através da correspondência das delimitações da formação desse objeto. Por fim, a objetivação desse posicionamento está localizada em uma teia que interliga diferentes enunciados e se materializa em um tempo (Bazza, 2016).

A análise discursiva descrita acima, implica dizer que há diferentes visões sobre o que é ser idoso hoje. Cada uma dessas perspectivas carrega em si pré-requisitos que, juntos, formam uma imagem idealizada do

processo de envelhecer. Essa delimitação não define apenas quem se deve ser, mas também os espaços que esses sujeitos podem ocupar. Nesse sentido, é comum que a visão de velhice venha acompanhada por comorbidades, aposentadoria, redução da autonomia e consequente aumento da necessidade de tutela. A exemplo disso, a legislação para a população acima de 60 anos foi marcada pelo caráter protetivo, voltando-se na maior parte de seus textos para um envelhecimento debilitado (Polla, 2013).

O Estatuto do Idoso (EI), sancionado no dia 1º de outubro de 2003, contemplou leis já existentes e ampliou os direitos da população idosa. Dentre eles, destacamos que “o idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana” (Lei nº 10.741, 2003, p. 7). Posteriormente, em 2006, a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa (PNSPI), em consonância com as diretrizes do SUS, destacou o compromisso com a recuperação e promoção da autonomia e independência dos indivíduos idosos (Portaria nº 2.528, 2006).

Essas políticas evidenciaram a emergência de uma nova velhice. Com as mudanças no discurso, abre-se também a possibilidade para novas subjetivações. Essa imagem que emerge apresenta uma vida ativa nas esferas fio-psico-social, mesmo após o marco dos 60 anos. No entanto, é necessário destacar que essa descrição não se dá em um fluxo unilateral, do social para o individual, mas acontece na relação. Ou seja, frente ao ideal de idoso, é possível assumir essa posição ou resistir a ela, uma vez que é também criador de si (Bazza, 2016).

O cenário legal descrito é o terreno fértil de onde nascem as Universidades Abertas à Terceira Idade (UnATI). Respaladas pela Lei 13.535/2017 que redige o Art. 25 do Estatuto do Idoso, fica estabelecido que as instituições de ensino superior devem oferecer às pessoas idosas “cursos e programas de extensão, presenciais ou à distância, constituído por atividades formais e não formais” (Lei nº 13.535, 2017, p. 1). Desta maneira, as UnATI são programas educacionais realizados no âmbito universitário, com caráter multidisciplinar e que buscam a promoção da saúde, fortalecimento psicossocial, autonomia e reinserção social dos idosos (Irigaray & Schneider, 2008). Sendo assim, a Universidade Federal Fluminense (UFF) campus da Escola de Engenharia Industrial Metalúrgica de Volta Redonda (EEIMVR), inaugurou em 2017, o projeto de extensão ‘Universidade da Melhor Idade’ (UMI).

A UMI possibilita a inserção no âmbito acadêmico, dispondo de uma ampla gama de disciplinas que vão desde Matemática, Direito do Idoso, Informática a cursos de idiomas, jogos e atividades complementares. O processo seletivo é feito por inscrições presenciais e possui pré-requisitos referentes a idade que deve ser igual ou maior a 60 anos, com 10% das vagas reservadas para a faixa de 55 a 59 anos e ter concluído o ensino fundamental. A seleção é feita por ordem decrescente de idade e até 2021 contou com a participação de, pelo menos, 150 alunos, tendo formado 5 turmas.

No dia 31 de dezembro de 2019, enquanto o ocidente aproveitava às festas de final de ano, Wuhan, capital da província Hubei, na China, anunciava a Organização Mundial da Saúde (OMS) os casos de pneumonia identificados posteriormente como infecções pelo coronavírus, SARS-CoV-2, o causador da Covid-19. Foi apenas no dia 25 de fevereiro de 2020 que o Brasil confirmou o primeiro caso da doença (Ministério da Saúde, 2020). A pandemia, que já completou um ano e onze meses, contabilizava no dia 06 de novembro de 2021, 219.456.675 infectados e mais de 4 milhões de óbitos ao redor do globo, sendo 609 mil deles no Brasil, segundo o mapa interativo da Universidade de Johns Hopkins (<https://coronavirus.jhu.edu/map.html>).

A faixa etária igual ou maior a 60 anos, compunham na Semana Epidemiológica 53, o respectivo 74,1% dos óbitos totais pela Covid-19 (Ministério da Saúde, 2021, pp. 32-35). Além do maior risco de morte, os idosos passaram a lidar com o medo constante de contaminar e serem contaminados, o aumento da perda de entes queridos e o agravamento do isolamento que, mesmo antes da pandemia, já era apontado como fator de risco para a saúde desse grupo (Quintana et al., 2020).

Diante desse momento desafiador para a humanidade e em decorrência do distanciamento social como uma das principais medidas preventivas a infecção do coronavírus, as instituições de ensino e demais setores possíveis, transitaram seu funcionamento para o ambiente virtual. A UMI, seguindo os protocolos de segurança da OMS e do Ministério da Saúde, cumpriu com seu dever enquanto projeto de extensão, excepcionalmente no formato online.

Considerando os impactos psicológicos que a pandemia tem causado na população acima de 60 anos, foi implementado, na UMI, um espaço de escuta para os alunos. A roda de conversa, como foi chamada, constituiu uma iniciativa de acolhimento aos antigos alunos e integração das novas turmas que foram interrompidas ainda no início do ano de 2020. Os encontros foram realizados semanalmente, durante cinco meses, no formato virtual e aberto a todos os alunos da terceira idade. Faz-se necessário enfatizar que a

roda não possuía uma intencionalidade clínica, mas produziu uma intervenção na medida em que possibilitava um espaço de encontros e ressignificação dos discursos.

Embora a roda de conversa seja comumente relacionada a Sócrates (469 - 399 a.c) (R. H. V de Melo et al., 2016), anterior ao filósofo, as sinagogas já constituíam um espaço de transmissão comunitária de conhecimento (Avigdor, 2005). Marcar o caráter comunitário é fundamental para referenciar o filósofo judeu Martin Buber, cuja perspectiva do encontro dialógico orientou este trabalho. Ao apresentar o ser humano como o ser-com-o-outro, Buber demonstra a necessidade do encontro no estabelecimento de uma relação autêntica entre um Eu e um Tu. É apenas nesse encontro que os 'entres' podem ser mutuamente reconhecidos (Buber, 1923/2006).

Partindo do pressuposto de que o encontro só ocorre mediante a abertura ao diálogo, e por consequência no 'entre', a roda enquanto coletividade "liberta o homem da solidão, do medo diante do mundo e, sendo assim, o inter-humano, a vida entre pessoa e pessoa, retrai-se cada vez mais" (Pena, 2019, p. 509). Isto é, oferece encontros em tempos de desencontros, falta de diálogos e isolamento.

Desta maneira, este artigo relata uma experiência de roda de conversa no projeto da Universidade da Melhor Idade, na Universidade Federal Fluminense campus de Volta Redonda (RJ), articulando seus aspectos com aportes da filosofia dialógica de Martin Buber. Apresenta a metodologia da roda de conversa tendo por objetivo defender o emprego dessa enquanto iniciativa possível de acolhimento em tempos de emergência sanitária. Além disso, destaca as possibilidades de construções coletivas ao favorecer uma prática dialógica e empática, movimentos que carecem diante do distanciamento social decorrente da pandemia do coronavírus. Por fim, descreve também a percepção das turmas sobre a vivência da prática e seus efeitos em um contexto pandêmico.

METODOLOGIA

Em um primeiro momento, as rodas de conversa se deram em um espaço ofertado virtualmente, através da plataforma do Google Meet, aberta a toda UMI. Para isso, foi encaminhado um link nos grupos de WhatsApp de cada turma que compunha o projeto de extensão, e direcionava para os grupos das rodas. Considerando as possíveis dificuldades de manuseio das tecnologias, foi oferecido antes do retorno do período letivo, treinamentos sobre os usos da plataforma, além do suporte constante de tutores bolsistas durante toda a realização do projeto, a fim de garantir o acesso dos idosos.

As rodas de conversa constituem metodologias participativas que tem por objetivo a construção de espaços que permitam a reflexão dos participantes acerca da sua relação com o mundo. No entanto, para a efetivação da proposta é necessário um movimento alternado entre as relações Eu-Tu e Eu-Isso. Desta forma, em um primeiro momento é feita uma convocatória para o presente, no aqui-e-agora, acolhendo mediante a suspensão dos próprios preconceitos, a fim de que o encontro aconteça e todos sintam-se acolhidos para se expressar, isto é, nas palavras-princípio Eu-Tu. Posteriormente, frente a uma relação mais objetiva com o mundo, Eu-Isso, é possível perceber as vivências, experimentar e refletir sobre os impactos das mesmas (Afonso & Abade, 2007). Para auxiliar neste processo, foram utilizadas técnicas de dinamização de grupo e alguns recursos lúdicos. As rodas foram coordenadas por uma assistente social e contou com o apoio de 4 estudantes de psicologia.

Em um segundo momento, para cada roda havia um preparo anterior da dinâmica que seria passada aos grupos. Apesar da escolha ser feita entre a assistente social e os tutores, as dinâmicas da semana seguinte eram sugeridas no final de cada encontro e só chegava a ser realizada se fosse de comum acordo entre as turmas. Desta forma, eram os integrantes das rodas que vivenciavam e direcionam aquele momento.

Os links para acesso ao Google Meet eram disponibilizados previamente nos grupos de WhatsApp das rodas e também enviados para os e-mails. No início dos encontros era transmitida uma música que convergia com a dinâmica do dia. Após relembrar qual seria a proposta da roda, acordada previamente na turma, todos presentes, um por um, eram convidados a falar. Uma vez que a roda não se propunha enquanto espaço de debate, cada participação era acolhida e então passada a palavra seguindo a sequência da lista de chamada.

Os encontros ocorreram semanalmente, com início em agosto de 2020 e término em dezembro do mesmo ano. Durante os cinco meses de duração, a iniciativa contou com a participação de 3 turmas, onde foram ofertados 48 encontros, com duração média de uma hora para cada turma. No final dos encontros, havia uma breve discussão entre os moderadores sobre os assuntos que mais repercutiram, os comportamentos não verbais, as ausências e demais impressões. Posteriormente era formulado um relatório de acordo com a versão de sentido proposta por Amatzuzi (1995), que consiste na escrita logo após a um

encontro, não reduzida a pura descrição do ocorrido, mas enfatizando também os sentimentos daquele que escreve face a roda, explorando assim a relação, isto é, o que emergiu no 'entre' (como citado em Boris, 2008, pp. 176-177).

Por fim, após a conclusão das rodas em dezembro de 2020, foi disponibilizado um formulário online para que as experiências fossem colhidas. O documento contou com sete perguntas entre elas, idade, sexo, como foi a participação na roda e se a mesma teria sido benéfica durante a pandemia e, se sim, como. O link do questionário foi enviado nos grupos de WhatsApp da roda e ficou disponibilizado por uma semana. Cada aluno consentiu com a disponibilização de suas respostas para fins de pesquisa sobre o método e levantamento de dados sobre o projeto.

Neste artigo, não se pretende discutir o conteúdo das rodas de conversa, mas sim, apresentar, a partir de relatos compartilhados, algumas de suas vantagens e limites como estratégia de acolhimento, em especial durante contextos de isolamento social decorrentes de situações de emergência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os relatos de experiências com as rodas de conversa durante a pandemia da Covid-19 foram sistematizados por meio de um questionário disponibilizado online. O documento foi composto por: sexo, idade, duas perguntas binárias sobre o impacto da roda no cotidiano e o impacto durante a pandemia, seguido por duas questões abertas que investigavam as justificativas caso as respostas anteriores fossem positivas. As rodas contaram com 47 participações, divididas em três turmas. Destas, 29 pessoas (61,7%) responderam ao questionário disponibilizado no final do percurso e que correspondem aos dados a seguir. Na análise do formulário, foram excluídas as respostas em branco de cada questão.

A Figura 1 apresenta o gênero e a idade dos participantes. Conforme pode ser observado, o quantitativo de mulheres (86,2%) foi muito superior a presença dos homens nas rodas (13,8%). Segundo estudos (Barreto et al., 2003; Costa et al., 2016; Nunes et al., 2016), comumente o número de mulheres em programas sociais para a terceira idade é expressivamente maior, embora não exista um consenso que explique esse fenômeno, o que se sabe é que as mulheres possuem uma vida mais longa. A exemplo disso, o IBGE (2019) constatou uma diferença de 7,1 anos na expectativa de vida entre mulheres e homens. Essa diferença pode ser explicada por diversos fatores, entre eles, a ideologia da diferença sexual que naturalizou o corpo da mulher enquanto frágil e, portanto, mais carente do controle biomédico. A partir do momento que o corpo se torna o centro da determinação dos papéis sociais, coube a mulher ser saudável para cumprir a função da maternidade e do cuidado (Martins, 2004). O pensamento misógino que acompanhou o desenvolvimento da ciência se reflete nas práticas de saúde, segundo dados do Programa Nacional de Saúde (PNS), em 2019, 69,9% das pessoas que acessaram algum serviço da atenção primária eram mulheres, enquanto os homens representaram 30,1% (IBGE, 2020).

Em relação a idade, a faixa etária com maior predominância, entre 61 a 65 anos (14), seguida pelos idosos com 66 a 70 anos (12), coincide com a idade média que os brasileiros aposentam, entre 55 a 60 anos para trabalhadores com maiores rendimentos e 60 a 65 anos para aqueles com menores rendimentos, segundo IPEA (2017).

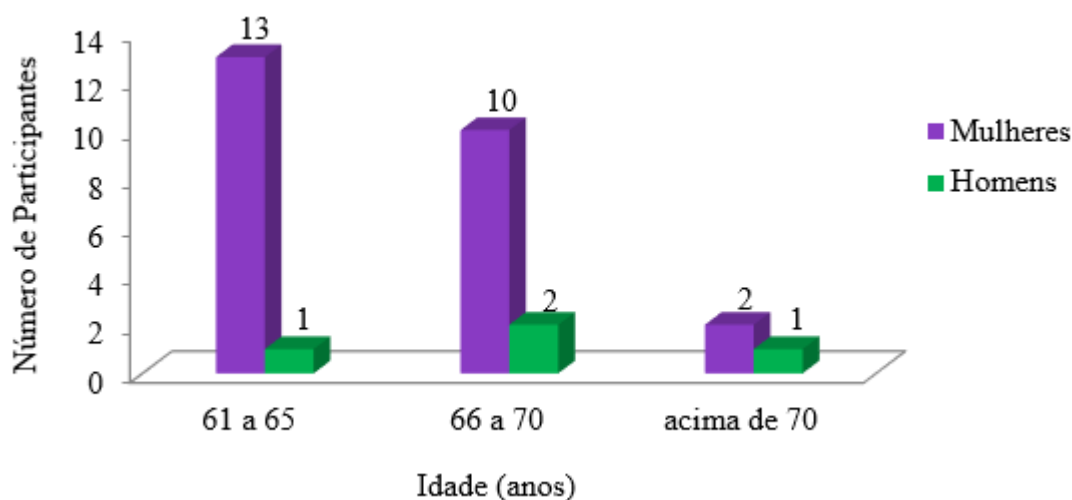


Figura 1. Participantes das rodas de conversa conforme gênero e faixa etária.

A idade evidencia as relações entre sujeito, aposentadoria e saúde. Sabe-se que no contexto social contemporâneo, o sujeito é convocado a todo instante a uma produtividade econômica e, portanto, o termo trabalho é erroneamente reduzido a atuação profissional. Desta forma, a pessoa aposentada passa a ser percebida socialmente como alguém não mais produtor de bens, improdutiva do ponto de vista capitalista. No entanto, os vínculos, que não se limitam a um contrato assinado, revelam uma gama de relações estruturantes na vida de uma pessoa, isto é, a organização do seu horário diário, os planos e objetivos futuros, sua independência e criatividade e a rede afetiva, são aspectos que circundam a relação entre o sujeito e o trabalho (Carlos et al., 1999).

Embora a aposentadoria seja vivida de formas tão múltiplas quanto o envelhecimento, é indiscutível que o rompimento destes vínculos demanda uma reorganização do cotidiano. Sendo assim, dois desafios são apresentados: 1) o rearranjo da rotina em novos trabalhos e vínculos e 2) a solidão consequente de relações objetificadas no capitalismo industrial e que se intensificam na terceira idade, uma vez que esses sujeitos não são mais vistos como produtores. Esse processo de distanciamento entre as pessoas é o que Martín Buber chamou de desumanização, fruto da predominância das palavras princípio Eu-Isso, ou seja, da objetivação do mundo (Parreira, 2016).

Nesse sentido, a roda de conversa se propôs enquanto um encontro fundamentado no diálogo, no acontecimento da relação Eu-Tu, para resgatar a dimensão humana entre os participantes. Diante disso, uma aluna relatou:

“Foi e é maravilhoso em minha vida. Gosto de tudo sempre. Somamos aqui nesses encontros amor, solidariedade, harmonia, perseverança, alegrias, tristezas também, sabedoria, respeito e esperanças. O Melhor foi. E para melhorar poderia continuar”. (Fabiana)¹

Frente a pandemia do coronavírus e em decorrência do distanciamento social como uma das principais medidas de contenção da doença, muitos idosos têm vivenciado o medo constante de contaminar e serem contaminados, a mudança brusca da rotina, redução ou paralisação das atividades físicas, rompimentos dos vínculos, aumento dos casos de violência e abandono (B. D. Melo et al., 2020). O sentimento de solidão e a angústia pelo isolamento pôde ser percebida em relatos como:

“Eu me sentia totalmente sozinha durante este período até que a roda de conversa surgiu e pude sentir que eu não estava só. Esperava ansiosa por cada segunda-feira onde eu sabia que naquele momento eu não estava sozinha.” (Claudia)

“Eu estava me achando muito só, para as reuniões eu sempre esperava no dia e hora marcada e ajudava a eu não me sentir tão sozinha.” (Derci)

“Por morar só, as rodas me fizeram ter alguém perto para conversar, apesar que distante, mas foi ótimo.” (Marcos)

“Estávamos isolados e juntos através da conversa virtual.” (Helena)

Diante disso, no questionário aplicado buscou-se compreender se as rodas haviam promovido algum suporte durante a pandemia da Covid-19 e 96,4% dos participantes disseram que sim, como pode ser visto na Figura 2.

¹ As citações foram retiradas do formulário online descrito na metodologia. Algumas das citações diretas passaram por um processo de correção ortográfica para melhor compreensão. Todos os nomes são fictícios a fim de garantir o anonimato dos alunos.

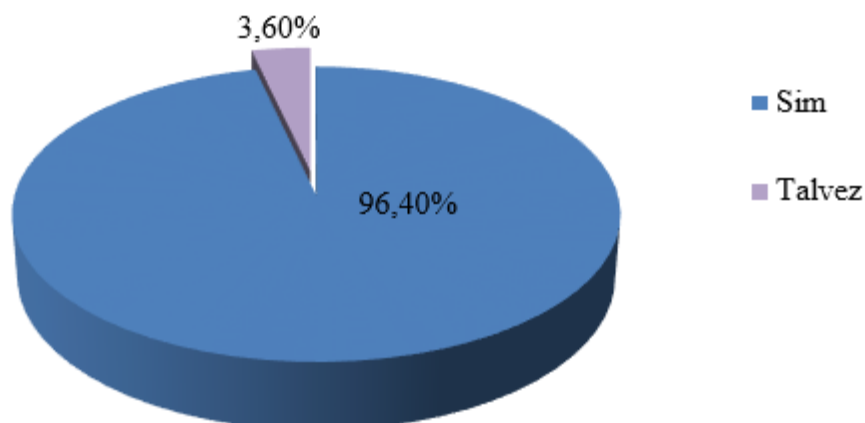


Figura 2. Opinião dos participantes quando questionados se as rodas de conversas colaboram no enfrentamento da pandemia.

Quanto aos benefícios das rodas durante a pandemia, algumas respostas foram:

“Estávamos no início do ano letivo, nos conhecendo, de repente chega uma pandemia com o slogan ‘Fique em casa’, ‘Isolamento Social’. Muito assustador e deprimente. A Roda de Conversa foi como um bálsamo para aliviar a tensão.” (Vera)

“Eu agradecia todos os dias estes encontros e me ajudou muito a superar este momento. E foi importante também, pois mantínhamos contatos com os colegas todas as semanas.” (Graça)

“Foi difícil mudar toda a vida, não poder sair, encontrar amigos, fazer minhas atividades, ginástica, hidro, pilates, dança. Estar na roda foi muito prazeroso.” (Sara)

“Estar em contato online com os coordenadores, tutores e com os colegas, ajudou a ter mais ânimo e esperança para continuar a lutar neste momento difícil. As trocas de experiências, os jogos, as músicas, tudo isso me ajudou muito.” (Lucia)

No entanto, o encontro não é mera reunião de um grupo vinculado por um interesse em comum. Para que o encontro proposto por Buber aconteça, é necessário abertura, presença e diálogo (Buber, 1954/2009). Mediante a abertura, o outro é aceito em sua totalidade ainda que suas crenças não sejam compactuadas por todos da relação. Coube àqueles presentes, não impor suas convicções, mas sim, dar abertura necessária para que o potencial de cada um viesse a ser manifestado, como observado nas falas:

“Cada um falava o que realmente achava. E muitas das vezes a gente via os fatos de outra maneira. E eu mesmo pensava ‘eu não vi’ ou ‘não enxergava’ aquele fato que o colega falava. Foi muito proveitoso eu creio para todos.” (Graça)

“É importante ver a visão de outras pessoas sobre o mesmo assunto, e as vezes, com isto, mudar a nossa.” (Sônia)

Na abertura, torna-se possível o reconhecimento do outro na sua singular alteridade. Esse aspecto se mistura com a presença, uma vez que, para dispor abertura, é necessário estar presente. Aqui, a presença não se dá enquanto sinônimo de um corpo físico que compartilha um espaço, mas diz de um instante não cronológico, o ‘agora’ que atualiza o sujeito da relação. Sendo assim, na presença há um acolhimento mútuo, ao se tornar-frente-o-outro, este também se torna para o primeiro (Buber, 1954/2009).

O resultado da dinâmica entre abertura e presença é o diálogo, efetivando assim a humanidade. Segundo Parreira (2016, p. 120) “para ser reconhecida e valorizada em sua humanidade, basta que a pessoa se sinta incluída na existência do outro”. Nesse sentido, ainda que se mantenha em silêncio, é a sua disponibilidade ao voltar-se para o outro que possibilita o encontro genuíno.

“Gostei muito, porém eu gosto mais de ouvir do que falar, mas eu me senti tão à vontade que acabei me abrindo e falando bastante. Me senti muito bem.” (Elisa)

“Para mim foi ótimo conversar, falar da minha vida e ouvir experiências dos colegas. É enriquecedor e nos ajuda a ter mais ânimo e esperança.” (Lucia)

“Por eu ser uma pessoa de muito pouca fala, elas [participantes] com tempo conseguiram fazer com que eu me abrisse e comentasse coisas que eu nunca pensei que falaria com ninguém. Isto me impactou muito.” (Derci)

Na última fala, embora as mediadoras das rodas sempre oferecessem abertura, Derci passou grande parte das reuniões em silêncio. A atitude foi acolhida compreendendo que o encontro não acontece mediante uma simples fala, por um conjunto de letras e frases, mas sim na atitude de uma pessoa frente ao mundo, ou seja, ainda que não falasse, ela estava presente e disposta. Certo dia, durante a roda, Derci surpreendeu a todos ao dizer que gostaria de falar, agradeceu por ter sido acolhida como era e, deste dia em diante, falou em todas as rodas.

Por fim, entende-se que o encontro aconteceu diversas vezes e possibilitou que os idosos compartilhassem momentos de presença e acolhimento que se opôs a solidão agravada pelo distanciamento social durante a pandemia da Covid-19. Para isso, foi necessário a suspensão dos preconceitos, a disponibilidade de reconhecer o outro como é integralmente, a presença no aqui-e-agora ainda que virtualmente, e o diálogo fruto dessa relação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Universidade da Melhor Idade (UMI) enquanto projeto de extensão que insere a população idosa no meio acadêmico, possui não só seu compromisso com a sociedade em si, mas também como responsável legal pela garantia dos direitos dos idosos, sendo assim, busca proporcionar seu direito à dignidade como pessoa humana. Nesse sentido, a roda de conversa constituiu uma iniciativa dentro da UMI, a fim de integrar os alunos com mais de 60 anos, em tempos de isolamento social decorrentes da pandemia da Covid-19.

Diante dos relatos de experiência, pode-se concluir que as rodas de conversa enquanto metodologia participativa, possibilita partilhas e encontros, ainda que online, de forma a opor a solidão em tempos de distanciamentos. Nesse espaço virtual, semana após semana, durante 5 meses, os alunos da UMI se apresentavam abertos e dispostos ao encontro com o outro, resgatando de forma mútua a humanidade dos presentes na roda. Essa relação, ainda que não intencionada a priori, produziu uma intervenção na vida dos idosos, reduzindo o sentimento de isolamento agravado durante a pandemia pelo coronavírus.

Finalmente, sobre as limitações da experiência, compreende-se que as rodas em seu formato virtual podem se constituir um empecilho, seja pela falta de conectividade ou pela dificuldade de manuseio das tecnologias, de forma que alguns optem assim por atividades presenciais. Desta forma, considera-se que a metodologia se aplicada presencialmente, poderia ter tido maior adesão. Apesar disso, aqueles que tiveram condições de continuar as atividades da UMI, manifestaram os benefícios significativos das rodas de conversa durante a pandemia da Covid-19, mesmo em seu formato virtual.

REFERÊNCIAS

Afonso, M.L.M. & Abade, F.L. (2007). *Educação em Direitos Humanos: a construção de uma prática*. (Ed.). Caderno comemorativo dos 60 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos e dos 20 anos da Constituição Federal de 1988. Rede de Cidadania Mateus Afonso Medeiros - RECIMAM. Belo Horizonte. Recuperado de https://ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/lapip/PARA_REINVENTAR_AS_RODAS.pdf

Avigdor, R. (2005). *A sinagoga no atual cenário judaico paulistano*. (Tese de doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Recuperado de https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-02082010-195320/publico/2010Renee_Avigdor.pdf

Barreto, K. M. L., Carvalho, E. M. F. de., Falcão, I. V., Lessa, F. J. D., & Leite, V. M. M. (2003). Perfil sócio-epidemiológico demográfico das mulheres idosas da Universidade Aberta à Terceira Idade no estado de Pernambuco. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, 3(3), 339-354. <https://doi.org/10.1590/S1519-38292003000300013>

- Bazza, A. B. (2016, set/dez). A constituição da subjetividade no discurso do idoso sobre si. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, 16(3), 449-464. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017-160305-1416>
- Boris, G. D. J. B. (2008). Versões de sentido: um instrumento fenomenológico-existencial para a supervisão de psicoterapeutas iniciantes. *Psicologia Clínica*, 20(1), 165-180. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/S0103-56652008000100011>
- Buber, M. (2006). *Eu e Tu*. (Fagá, A. C. Ed.). (Zuben, N. A. V Trad.). Centauro Editora. (Obra original publicada em 1923).
- Buber, M. (2009). *Do diálogo e do dialógico*. (Martins, P. F. Ed.). (Queiroz, M. E. S & Weinberg, R. Trads.). Editora Perspectiva. (Obra original publicada em 1954).
- Carlos, S. A., Jacques, M. G. C., Larratúa, S. V., & Heredia, O. C. (1999). Identidade, aposentadoria e terceira idade. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, 1, 77-89. Recuperado de <https://doi.org/10.22456/2316-2171.4653>
- Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. (1988). Estabelece a Constituição da República Federativa do Brasil. [Versão eletrônica]. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm
- Costa, F. N., Moreira, V. F. R., Marques, H., & Fantini, G. A. (2016). Caracterização de fatores sociais e de saúde de alunos da universidade aberta à terceira idade da USC-Bauru. *SALUSVITA*, 35(2), 233-242. Recuperado de https://secure.unisagrado.edu.br/static/biblioteca/salusvita/salusvita_v35_n2_2016_art_07.pdf
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2008). *Projeção da população do Brasil por sexo e idade: 1980-2050: revisão 2008* [Versão eletrônica]. Recuperado de <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv41229.pdf>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2019, 28 novembro). *Expectativa de vida dos brasileiros aumenta para 76,3 anos em 2018*. Agência Notícias IBGE, Rio de Janeiro. Recuperado a partir de <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-denoticias/noticias/26103-expectativa-de-vidas-brasileiros-aumenta-para-76-3-anos-em-2018>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2020). Pesquisa Nacional de Saúde 2019: Atenção Primária a Saúde e Informações Antropométricas. Recuperado de <https://abeso.org.br/wp-content/uploads/2021/07/Pesquisa-Nacional-de-Saude-2019.pdf>
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. (2017, 11 dezembro). Os Efeitos do Envelhecimento na Previdência Social Brasileira e as Aposentadorias Precoces. *Diretoria de Estudos e Políticas Sociais*, 45, 1-28. Recuperado de https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/171206_NT_45_disoc.pdf
- Irigaray, T. Q. & Schneider, R. H. (2008). Participação de idosas em uma universidade da terceira idade: motivos e mudanças ocorridas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24(2), 211-216. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/S0102-37722008000200011>.
- Lei nº 8.842, de 04 de janeiro de 1994*. (1994). Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Recuperado a partir de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8842.htm
- Lei nº 10.741 de 01 de outubro de 2003*. (2003). Estatuto do idoso. Recuperado a partir de <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70326/672768.pdf>
- Lei nº 13.535, de 15 de dezembro de 2017*. (2017). Altera o art. 25 da Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003 (Estatuto do Idoso). Recuperado a partir de https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13535.htm
- Martins, A. P. V. (2004). *Visões do Feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX*. (20 ed.). [Versão Eletrônica]. Editora Fiocruz. Recuperado de <https://doi.org/10.7476/9788575414514>
- Melo, B. D., Lima, C. C., Morais, C. L. de., Andrade, C. B., Pereira, D. R., Souza, E. R. de., ..., Rabelo, I. V. M. (2020). Violência Doméstica e Familiar na COVID-19. In Freitas, C. M., Noal, D. S. & Damasio, M. F. (Orgs.). *Recomendações e orientações em saúde mental e atenção psicossocial na COVID-19*, 135-138. Rio de Janeiro, Fundação Oswaldo Cruz – FIOCRUZ. Recuperado de https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/10/livro_saude_mental_covid19_Fiocruz.pdf
- Melo, R. H. V. de., Felipe, M. C. P., Cunha, A. T. R. da., Vilar, R. L. A. de., Pereira, E. J. da S., Carneiro, N. E. A., ..., Diniz Júnior, J. (2016). Roda de Conversa: uma Articulação Solidária entre Ensino, Serviço e Comunidade. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 40(2), 301-309. <https://doi.org/10.1590/1981-52712015v40n2e01692014>
- Ministério da Saúde. (2020). *Resposta nacional e internacional de enfrentamento ao novo coronavírus*. Recuperado de <https://coronavirus.saude.gov.br/index.php/linha-do-tempo>
- Ministério da Saúde. (2021, 7 de janeiro). *44 Boletim Epidemiológico Especial Doença pelo Coronavírus COVID19*. Recuperado de https://www.gov.br/saude/pt-br/media/pdf/2021/janeiro/07/boletim_epidemiologico_covid_44.pdf

- Nasri F. (2008). O envelhecimento populacional no Brasil. *Einstein*, 6 (Supl 1.), 4-6. Recuperado de <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-516986>
- Nunes, A., França, A., Bruycker, A., Barbosa, A., & Antunes, M. (2016). Trabalho de Grupo com Mulheres Idosas da Universidade Aberta da Terceira Idade — UnATI/ UERJ: uma experiência do Serviço Social. *Interagir: pensando a extensão*, 0(1), 61. Recuperado de <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/interagir/article/view/18587>
- Parreira, G. G. (2016). *Martin Buber e o sentido da educação* [Versão eletrônica]. Editora IFG. Recuperado de <https://editora.ifg.edu.br/editoraifg/catalog/view/2/1/23-2>
- Pena, A. C. (2019). “Toda vida atual é encontro”: contribuições de Martin Buber para a Educação. *Educação*, 42(3), 506-513. <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2019.3.29874>
- Polla, D. (2013). *Objetivação e subjetivação do sujeito idoso pelas lentes da mídia contemporânea* (Dissertação de mestrado). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, Brasil. Recuperado de http://www.ple.uem.br/defesas/def_daniela_polla.htm
- Portaria nº 2.528 de 19 de outubro de 2006. (2006). Aprova a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa. Sistema de Legislação da Saúde. Recuperado de http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt2528_19_10_2006.html
- Quintana, A. C., Schmidt, B., Melo, B. D., Lima, C. C., Groisman, D., Montilla, D. E. R., ..., Magrin, N. P. (2020). Recomendações aos Trabalhadores e Cuidadores de Idosos. In Freitas, C. M., Noal, D. S. & Damasio, M. F. (Orgs.). *Recomendações e orientações em saúde mental e atenção psicossocial na COVID-19* (pp. 194-204). Rio de Janeiro, Fundação Oswaldo Cruz – FIOCRUZ. Recuperado de https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/10/livro_saude_mental_covid19_Fiocruz.pdf